



Funk dos milhões

Levantamento da Fundação Getulio Vargas destrincha a economia do funk e mostra que gênero movimenta R\$ 10 mi por mês só no Estado do Rio

BRUNA BITTENCOURT
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Estudo realizado pelo instituto de pesquisa da Fundação Getulio Vargas, o FGV Opinião, deixou as batidas e os versos provocativos do funk de lado para analisar o gênero por sua perspectiva socioeconômica.

Realizada entre 2007 e 2008 na região metropolitana do Rio, o berço do "pancadão", a pesquisa ouviu agentes envolvidos na produção do funk, como DJs, MCs (autores e intérpretes de suas faixas) e equipes de som (que promovem os bailes e fornecem seus aparatos), além de camelôs que faturam com as festas. As mais de 400 entrevistas mapearam relações e mostraram que o gênero movimenta cerca de R\$ 10 milhões por mês no Estado do Rio.

Hermano Vianna, autor do pioneiro estudo "O Mundo Funk Carioca" (1988), acredita que esse tipo de pesquisa ajuda a esclarecer o funcionamento do gênero e que deveria ser

mais frequente também em outras áreas. "Não é um problema só do funk. A produção cultural brasileira tem poucos censos econômicos. A cultura perde, com isso, muitas oportunidades na comparação com outras atividades econômicas mais organizadas", avalia.

"Conseguimos mostrar com essa pesquisa que o funk é um mercado de trabalho e de produção econômica", diz Marcelo Simas, pesquisador da FGV Opinião. O instituto já havia se debruçado sobre outro gênero, o tecnobrega, em pesquisa compilada no livro "Tecnobrega: O Pará Reinventando o Negócio da Música", de Ronaldo Lemos e Oona de Castro. Fenômeno no norte do país — numa realidade econômica bem diferente —, o tecnobrega movimenta R\$ 5 milhões por mês em Belém, metade do que o funk movimenta no Rio.

Cadeia produtiva

Os dados mostram que é o MC quem mais fatura na cadeia

produtiva do funk, ganhando, em média, R\$ 4.140,19 mensais. "Até então, muitos achavam que o dono da equipe de som era o principal articulador dessa cadeia produtiva. Ele de fato arrecada o dinheiro e faz os pagamentos, mas o MC é o agente mais lucrativo", diz a pesquisadora Elizete Ignácio, da FGV.

A partir de 2003, os MCs começaram a se desligar das equipes de som e a conquistar um espaço próprio. De acordo com o estudo, eles fazem uma média de 35,2 apresentações por mês, enquanto DJs se apresentam 29,5 vezes no mesmo período.

Segundo Ignácio, uma das grandes queixas dos entrevistados é quanto à instabilidade do mercado. "As pessoas entram e saem do funk a todo o tempo. O tempo médio de carreira é muito baixo", diz. DJs e equipes de som trabalham, respectiva-

mente, 13 e 15 anos, em média. O tempo médio de carreira do MC é mais curto — nove anos.

Os DJs, que até a década de 1990 tocavam de costas para o público nos bailes, são apontados como os principais responsáveis pelas inovações musicais e vêm diversificando suas funções — seja apresentando programas de rádio, seja atuando como empresários de MCs, com quem costumam ter uma relação mais harmoniosa do que com as equipes de som.

Segundo o estudo, a informalidade que rege cachês e contratos gera uma série de atritos e acusações entre os agentes. Há dois anos, porém, vêm surgindo associações que pleiteiam a formalização das relações econômicas e de trabalho.

As equipes de som promo-

vem uma média de 878 bailes por mês no Estado do Rio de Janeiro. Para realizar mais de uma festa por noite, dividem-se em subequipes e recorrem a aluguel de equipamentos.

Apesar de faturarem mais nos bailes em clubes (em geral quadras de esportes ou dance-terias da cidade) do que naqueles promovidos dentro das chamadas comunidades (praças, quadras e escolas de samba), as equipes não deixam estas últimas de lado. Entre as razões, estão a "gratidão" pelo fato de as comunidades terem abrigado o funk quando ele foi reprimido pelas autoridades do Rio, nos anos 90, e o fato de elas ainda serem plataformas para lançamento de artistas e sucessos.

Os bailes também sustentam uma rede de camelôs — cerca de seis vendedores por festa fora das comunidades. Com o funk, apontado no estudo como sua principal fonte de renda, faturam por mês R\$ 957,47.

"Todo esse mercado foi criado nas duas últimas décadas, sem ajuda da indústria cultural estabelecida", diz Vianna. "Não conheço outro exemplo tão claro de virada mercadológica na cultura pop contemporânea. O funk agora tem números claros, que mostram uma atividade econômica importante, que pode assim ser levado a sério pelo poder público."



Rômulo Costa, futuro secretário de Cultura de Belford Roxo

Se cultura é música clássica, jazz, nós vamos fazer. Tudo que for cultura —chorinho, pagode, MPB— vai ter espaço. [...] Eu não preciso ajudar o funk, ele já está bem

RÔMULO COSTA
empresário

Dono da Furacão 2000 vira secretário de Cultura no RJ

ITALO NOGUEIRA
DA SUCURSAL DO RIO

Após 35 anos de sucesso como produtor de bailes funk no Rio e duas passagens pela prisão, o empresário Rômulo Costa, dono da produtora Furacão 2000, vai alçar pela primeira vez o estilo ao Poder Executivo e assumir a Secretaria de Cultura de Belford Roxo, cidade da Baixada Fluminense com cerca de 600 mil habitantes.

Habitado à batida do funk, Rômulo Costa afirma que "ainda está aprendendo o que é cultura", mas garante que não vai beneficiar o gênero nas iniciativas da pasta. "Se cultura é música clássica, jazz, nós vamos fazer. Tudo que for cultura — chorinho, pagode, MPB — vai ter espaço", diz. "Eu não preciso ajudar o funk, ele já está bem."

O futuro secretário — a Câmara dos Vereadores decide sobre a criação da pasta nesta semana — reclama do que chama de "censura" ao funk, o que encontrou na própria prefeitura da qual fará parte. "Todos os ofícios para autorizar festa na rua tinham um requisito que impedia de tocar música funk."

Mas a principal reclamação

atualmente é uma lei sancionada pelo governador Sérgio Cabral Filho — que dançou o "Crêu" na semana passada — que submete a realização de bailes funk à aprovação da PM e impõe exigências como um banheiro a cada 50 pessoas.

"Vou falar para os funkeiros que vamos ter um campeonato de defecação. É muito banheiro. Esse limite não faz sentido. O próprio governo usa a linguagem do funk em suas campanhas, como: 'Vamos dar um Crêu na dengue'", diz.

Preso duas vezes acusado de envolvimento com traficantes — acabou absolvido —, Costa sentiu na pele o que chama de perseguição ao funk. "Os desembargadores viram que eu não fumava, não cheirava. Faço baile para mais de 150 mil pessoas, não para traficante."

O empresário quer inaugurar sua gestão com uma exposição do pintor brasileiro Candido Portinari. Seu principal projeto é o "Shopping da Cultura", um espaço com teatro, cinema, escola de música e centro de gastronomia. Ele pretende fazer uma grande festa na posse, "com gente batendo lata e cuspingo fogo".

MUNDO FUNK

Veja os números da pesquisa da FGV

R\$ 10 milhões

é quanto o funk movimentou por mês no estado do Rio

R\$ 411,18

é o cachê-médio cobrado por um MC em um baile realizado em uma comunidade do Rio

R\$ 4.583,33

é o cachê cobrado por um show realizado no exterior

R\$ 2.100,38

é quanto um DJ ganha discotecando por mês

R\$ 6,75

é o valor médio do ingresso em bailes realizados em clubes

R\$ 195,21

é o valor médio recebido por um camelô com a venda de produtos, por baile



Público em baile no Castelo das Pedras, o 'palácio do funk', localizado em Rio das Pedras, na zona oeste da capital fluminense